

TRADUÇÃO - AMOR-QUEER? DIRETAMENTE NO CORAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE?

Translation - Liebe - queer? Direkt ins Herz der Heteronormativität?

Tradução do Livro: Engel, Antke 2015. "Liebe-queer? Direkt ins Herz der Heteronormativität?." *Journal/Netzwerk Frauen-und Geschlechterforschung*.

Verena Seelaender da Costa

Doutora em Filosofia pela UERJ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3475-740X>

Lattes:

Quer o entendamos como um sentimento, uma atitude em relação ao mundo, uma prática ou uma instituição social, o amor não é autossuficiente. O amor estabelece conexões. Ele se desenvolve na forma de relações que nunca estão livres de relações de poder. O amor tece teias que muitas vezes se ramificam muito além da rede que liga dois indivíduos em uma fantasia de união. Às vezes, não é possível julgar se alguém¹ é carregado por essas redes ou se fica preso nelas. A relacionalidade do amor pode significar conexão, assim como liberdade, cenários compartilhados de fantasia, atração erótica, desejo como entrega, doação como crescimento ou crescimento como prazer no movimento. A relacionalidade, entretanto, também aponta para as dimensões sociais do amor, que se expressam como dominação e submissão, como objetificação ou exploração e autoexploração. O amor aparece como uma mercadoria. O amor ganha forma por meio de autoridades estatais ou autoridades

¹ Tanto o sublinhado () quanto o asterisco (*) são usados no texto: o primeiro para introduzir distância ou hesitação onde as distinções binaristas ed gênero prevalecem, o segundo para sinalizar a desnaturalização e o caráter de construção cultural dessas distinções.



eclesiásticas. Mesmo quando o amor é paixão, ele assume funções sociais. Ou, na paixão, ele pode se tornar a porta de entrada para a violência.²

Abordar a constituição paradoxal do amor significa considerá-lo como uma instituição heteronormativa e racista, enredada na dominação e no poder tão profundamente quanto em sua força renitente, resistente e autoafirmativa. Penso que o amor e a violência estejam mais intimamente ligados do que normalmente se supõe. No entanto, minha tese é que é possível reformular as dimensões violentas do amor, desde que seja criado um espaço para a dinâmica do poder nos relacionamentos amorosos.

O amor como prevenção de conflitos e luta por reconhecimento no filme *Verfolgt*, de Angelina Maccarone

O filme *Verfolgt* (2006) de Angelina Maccarone³ confronta de forma muito convincente alguns dos paradoxos do amor. Nesse filme, o amor representa, por um lado, um instrumento de prevenção de conflitos que permite satisfazer o desejo humano de harmonia e completude. Por outro lado, o filme mostra como o amor cresce a partir de uma luta recíproca por autoafirmação em condições de assimetria estrutural, dominação multidimensional e táticas sofisticadas de poder.

Entre a agente de liberdade condicional Elsa, de 50 anos, e seu supervisionado Jan, de 16 anos, desenvolve-se, pouco a pouco, um relacionamento sadomasoquista (SM). Embora seja em um primeiro momento uma resposta desesperada às provocações e aos jogos de poder dentro daquela constelação sociopedagógica, depois de algum tempo ambos começam a aprender a confiar e a desejar, a ter responsabilidade e, acima de tudo, a fazer uso

² Cf. Engel, Antke (2013): Schönezweifel - Welche Liebe? In: Guth, Doris/Schmutz, Hemma (eds.): Praxis der Liebe. Katalog des Salzburger Kunstvereins, Salzburg: 8-14.

³ *Verfolgt* (Angelina Maccarone, Alemanha, 2006, 87').



do poder de forma ativa e formativa dentro da relação amorosa. Apesar do relacionamento sadomasoquista ser vivido em segredo, ainda assim se encontra inserido de forma muito complexa na relação aparentemente padrão e igualitária entre Elsa e Raimar, cuja filha acabou de deixar a casa dos pais para estudar, bem como no apartamento compartilhado onde Jan mora. Raimar, o parceiro de longa data de Elsa, é quem reivindica verbalmente o amor várias vezes ao longo do filme. Sempre que uma controvérsia entre ele e Elsa chega ao fim, ele tenta restabelecer o vínculo afetivo com um "Eu te amo" (e uma pizza pronta). Fica claro, no entanto, que ele não consegue levar os conflitos a sério nem perceber a autonomia e a diferença de Elsa.

O filme *Vervolgt* me parece muito adequado para explorar a tensão entre amor, poder e violência. Gostaria de enfatizar, porém, que não é de forma alguma a relação sadomasoquista que estimula a reflexão sobre amor e violência. Em vez disso, *Vervolgt* confronta o fato de que, em relacionamentos heterossexuais "completamente normais", a negação do outro em sua alteridade é comum – seja na parceria igualitária de Raimar e Elsa ou no encontro aparentemente consensual de uma *one-night-stand* entre jovens que Jan vive com sua colega de quarto. Assim como as hierarquias estruturais, também os privilégios irrefletidos e os hábitos de gênero, raça, classe e heteronormatividade são tidos como certos, normais e naturais, e as posições de poder desempenhadas nessas práticas amorosas geralmente sequer são percebidas como violentas.

Por outro lado, o filme nos leva a reparar na violência do período que antecede o relacionamento entre Elsa e Jan; essa é uma violência que opera dimensões psicológicas e institucionais. O caráter pedagógico imposto pelo Estado na relação entre os dois protagonistas é caracterizado pela luta de ambos os lados, através de ameaças, coerção, abuso de poder e exploração de hierarquias estruturais. Parece-me interessante que, na medida em que os dois lentamente encontram seu caminho para um desejo sado-masoquista e desenvolvem um repertório de práticas a ele correspondentes, as relações de poder não são



mais vivenciadas como algo pré-determinado, mas como algo moldado e moldável. Já que ambos não fazem ideia da ética do consentimento e das regras concretas dos movimentos sadomasoquistas,⁴ as relações sociais de poder tornam-se claramente aparentes em Jan e Elsa e sobredeterminam sua interação. É exatamente por isso que lidar com elas é algo que pode ou "deve" ser aprendido. As dimensões *queer* – estranhas, incompreensíveis e não normativas – das práticas amorosas desempenham um papel crucial nesse sentido: elas contêm o potencial de confrontar o encontro entre a alteridade do outro e a alteridade do eu. Dessa forma, os rituais sociopedagógicos de dominação e submissão (ou resistência) aparecem em um novo horizonte assim que seu emaranhado com o desejo é reconhecido. O amor encontra expressão no gerenciamento do limiar precário entre poder e violência, de modo que a estagnação violenta da agência do indivíduo seja evitada ou transformada em relações de poder dinâmicas e maleáveis. Nesse caso, a confiança e a abertura não são um pré-requisito, mas sim um efeito das práticas sexuais nas quais um relacionamento amoroso é iniciado.⁵

A proximidade do amor com a violência

Vervolgt serve como ponto de partida para pensar sobre o amor em relacionamentos desiguais e hierárquicos, caracterizados pela dependência ou até mesmo dependência e violência. Ao delinear esse contexto, meu objetivo não é, no entanto, contrastar um suposto ideal "afeto puro" do amor em contraposição a um amor envolto em poder e dominação de uma "instituição heteronormativa". Isso sugeriria que é a instituição ou a heteronormatividade que corrompe o amor e abre uma porta de entrada para a violência,

⁴ Bauer, Robin (2014): *Queer BDSM Intimacies. Critical Consent and Pushing Boundaries*. Houndsmills: Palgrave Macmillan; veja também <http://robinbauer.eu/research/queer-bdsm/>.

⁵ Para uma discussão detalhada sobre o *Vervolgt*, cf. Engel, Antke (2012): *Spielräume sexualisierter Gewalt. Queeres Begehren im Spannungsfeld von staatlicher Regulierung und sexueller Subversion des Staates*. In: Haberler, Helga, Hajek, Katharina, Ludwig, Gundula, Paloni, Sara (orgs.): *Que(e)r zum Staat, Heteronormativitätskritische Perspektiven auf Staat, Macht und Gesellschaft*. Berlin: Querverlag: 188-207.



como se fosse a violência que estivesse invadindo – quase que de fora – o amor inocente. Em contraste, juntamente a Judith Butler, presumo que o potencial de violência é inerente ao amor como uma instituição do afeto. Butler justifica isso com o fato de que o amor é aprendido a partir de uma relação de dependência infantil. Ele cresce a partir de uma vulnerabilidade primordial do ser humano em relação a um senhor: "...à mercê de um Tu sem o qual não posso existir e do qual depende minha sobrevivência".⁶

Em seu ensaio *Longing for Recognition*, Butler pergunta como é possível desenvolver relacionamentos que dispensem a submissão dominante e, nesse sentido, traz para a discussão as reflexões de Jessica Benjamin sobre o reconhecimento intersubjetivo.⁷ Segundo Benjamin, é necessário desenvolver uma maneira intersubjetiva de lidar com a tensão – ao mesmo tempo interna, psíquica e social – entre o desejo de autoafirmação e o de apego.⁸ Isso pressupõe que as agressões resultantes da tensão não sejam repelidas. Assim, para Benjamin, amor significa sobrevivência, significa "sobreviver" à agressão ou à destrutividade que surge do apego e da luta pela autoafirmação. Esse desafio existe para ambos – ou para todos – os participantes: O lado da relação que é confrontado com a agressão por parte do outro lado é desafiado a suportar isso sem responder com violência ou proibir a agressão. A autoafirmação deve sobreviver ao fato de que atos de autoafirmação interrompem a conexão estabelecida em uma relação de dependência. Ambos os lados da relação assimétrica são, portanto, desafiados a restabelecer, após o ato de agressão, uma conexão na qual a dependência não é mais primária, mas moldada e, em certo sentido, "escolhida".

O desejo da alteridade do_ Outro_

⁶ Butler, Judith (2003): *Kritik der ethischen Gewalt*. Frankfurt/M.: Suhrkamp: 91.

⁷ Butler, Judith (2004): *Longing for Recognition*, em *Undoing Gender*. London, New York: Routledge: 131-151.

⁸ Benjamin, Jessica (1998): *The Shadow of the Other. Intersubjectivity and Gender in Psychoanalysis*. New York: Routledge.



Butler explica esse processo de forma que o que se desenvolve é um desejo que não é orientado para o_ Outro_, mas sim para a alteridade do_ Outro_ (*the Other of the Other*). O sujeito perde sua posição soberana quando se torna consciente de que existe uma lacuna (*gap*) entre o_ Outro_ social (atuante) e as imagens que eu projeto nele_; e que essa lacuna permite que apareça em cena uma alteridade intangível, irritante e fascinante – talvez também ameaçadora – do_ Outro_. No desejo, portanto, algo é abordado em mim que não tenho à minha disposição e que permanece parcialmente incompreensível para mim. Eu gostaria de acrescentar que, nos relacionamentos sadomasoquistas, é possível lidar com essas dimensões do desejo e do poder na práxis intersubjetiva, que são simultaneamente fascinantes e ameaçadoras, prazerosas e dolorosas.

Se, na luta pela autoafirmação, conexão e reconhecimento, for possível contornar a "destruição" do relacionamento e ocupar o *ek-stasis* do eu, de acordo com o termo de Butler, de uma forma prazerosa, o amor pode ocorrer ou formas de amar podem se desenvolver não sendo baseadas na submissão. Na sobrevivência compartilhada, que é um encontro entre a alteridade do eu e a alteridade do_ Outro_, são formadas subjetividades capazes de traduzir a agressão e a violência em relações de poder que podem ser moldadas por todos os lados, mesmo quando são assimétricas. A autoafirmação, a conexão e a dependência tornam-se igualmente habitáveis, embora em uma constelação repleta de tensão. Mas será que esse conceito de amor significa que as práticas amorosas também podem contribuir para reformular as relações de dominação e violência que se desenvolvem no nível da dominação estrutural? O que fazer quando o próprio amor contribui para a manutenção das relações de dominação?



Imitação e apropriação fraudulenta do "amor normal" em um vídeo de Pauline Boudry e Renate Lorenz⁹

Frequentemente, as práticas de vida e amor homo*sexuais e trans*gêneros são difamadas com o argumento de que são apenas uma imitação de relações ou gêneros heterossexuais ostensivamente naturais: sempre "encenação" ou "fraude", nunca "amor autêntico". Em termos do meu argumento, gostaria de apresentar um trabalho artístico que desenvolve uma agência *queer* ao se envolver na "apropriação fraudulenta" de um discurso heteronormativo e racista do amor. Tomo emprestado o termo "apropriação fraudulenta" de Judith Butler, que o vê como uma estratégia política daqueles que são excluídos pela ordem dominante dos terrenos do "gênero autêntico" ou do "verdadeiramente humano", e que se opõem a essa exclusão não por meio de exigências de inclusão e tolerância, mas por meio de um provocativo "viver como se fosse humano"¹⁰.

O vídeo *Sometimes you fight for the world, sometimes you fight for yourself* (2004, 5') foi originalmente produzido por Renate Lorenz e Pauline Boudry com o título “*normal love*”. O vídeo de cinco minutos mostra como os _dois_ protagonistas, uma mulher abstrata e um homem abstrato, exploram as possibilidades de um encontro erótico.

⁹ Para uma discussão detalhada do vídeo com referência a estratégias de uma política do paradoxo *queer*, cf. Engel, Antke (2010): *Desiring Tension: Towards a Queer Politics of Paradox*. In: Holzhey, Christoph (ed.): *Tension/Spannung*. Viena: Turia+Kant: 227-250.

¹⁰ O título *Normal Love* é uma citação ao segundo longa metragem de Jack Smith (1963, 80'), que “*appears to derive from his adoration of Maria Montez, the B-movie star best known for her performance in ‘Cobra Woman.’ It features a variety of 30’s horror film monsters, a mermaid, a lecher, and various cuties performed by a cast which included Mario Montez, John Vaccaro, Diane DePrima, Beverly Grant, Tiny Tim, and others*” [... parece derivar sua adoração por Maria Montez, a estrela de cinema de filmes B, mais conhecida por sua atuação em *Cobra Woman*. O filme mostra uma grande variedade de monstros típicos dos anos 1930, uma sereia, um libertino e várias outras beldades, formadas por um elenco que incluía Maria Montez, John Vaccaro, Diane DePrima, Beverly Grant, Tiny Tim e outros] (www.hi-beam.net/mkr/js/js-bio2.html), acesso em 26/03/2009, texto retirado da exposição *normal love* de Renate Lorenz (Berlín, Künstlerhaus Bethanien, 2007).



Na jogo entre a distância, o movimento e a ausência, é encenada uma troca de olhares que sinaliza o interesse mútuo e o aumento da tensão. No entanto, os corpos não se aproximam um do outro e o encontro esperado não se concretiza. Em vez disso, pode-se acompanhar uma troca de palavras cantadas, que se origina de uma música da banda *Flying Lizards* e por meio da qual é travada uma batalha, na qual a mulher abstrata e o homem abstrato se confrontam com seus entendimentos ilusórios ou impiedosos sobre o amor. Nesse processo, as condições históricas desses conceitos de amor são expostas à crítica. Introduzido por uma imagem intermediária intitulada "herstory" (história dela), um diálogo se desenrola no qual ela* o* acusa de hipocrisia e aponta que sua* canção de amor *kitsch* justifica a subjugação e a exploração feminina: "*knights in shiny armor always take the key, history, history, hypocrisy – but you can still make money by singing sweet songs of love*" [cavaleiros em armaduras brilhantes sempre levam a chave, história, história, hipocrisia – mas você ainda pode ganhar dinheiro cantando doces canções de amor]. O homem abstrato responde: "*I own you, you don't own me, you are my territory, this is a love song, this is a love song*" [Eu sou seu dono, você não é minha dona, você é meu território, esta é uma canção de amor, esta é uma canção de amor]. Uma exuberante vegetação tropical compõe o cenário das reivindicações territoriais de propriedade expressas aqui em uma fórmula exotizante-machista comum: A mulher é igual à natureza que é igual ao território conquistado.

Reivindicações territoriais coloniais e descolonização no *Drag*

O vídeo de Boudry/Lorenz parece sugerir que o amor nas grades heteronormativas do "amor normal" só pode ocorrer como possessividade e subjugação. Além disso, ele destaca que essa construção sexista se entrelaça com um discurso colonial racista. Uma etnicização das posições de gênero da mulher abstrata e do homem abstrato está implícita tanto na interação quanto no cenário. Os *tropos* conotam as posições do colonizado e do colonizador.



Aqui, do lado da posição colonizada, a feminilidade e a indigeneidade se produzem mutuamente: a posição indígena sofre efeminização, e a posição feminina aparece como indígena. O discurso amoroso e o discurso colonial justificam igualmente essa construção. Ao mesmo tempo, no entanto, a abundância exótica do cenário se revela uma estufa tropical artificial no decorrer da ação, expondo, assim, sua artificialidade.

O vídeo pode ser interpretado como uma imitação e uma apropriação enganosa de um discurso universal do amor. Esse discurso, que descreve o amor como universalmente humano e supra-histórico, é, contrariamente à ordem heteronormativa, interpretado por figuras de gênero ambíguo e cujas relações de desejo, portanto, não podem ser simplesmente decodificadas como hetero ou homossexuais. Na medida em que o feminino e o masculino aparecem como "abstratos", suas particularidades individuais são declaradas irrelevantes para o amor. Uma vez que isso afirma o discurso universal do amor, não há razão para que as pessoas transgênero ou *gender-bending* não o reivindiquem também. No entanto, ao se apropriar do discurso universal do "amor normal", o vídeo emite simultaneamente uma advertência implícita, que pode ser expressa como: "você pode reivindicar o 'amor universal' para si mesmo. Mas isso também significa que você se torna parte de um discurso histórico que apoia relações de propriedade, exploração e hipocrisia". Por meio do título *Sometimes you fight for the world, sometimes you fight for yourself* [Às vezes você luta pelo mundo, às vezes você luta por si mesmo], o vídeo coloca o discurso do amor no contexto das lutas políticas e o vincula a questões de justiça: como o amor e a ordem capitalista estão conectados? Por que se pode ganhar dinheiro com esse violento amor *kitsch* das canções de amor? Quem pode reivindicar qual propriedade? Que poder de definir o outro pode ser exercido em um encontro íntimo?

A justaposição no título aponta para o fato de que lutar por si mesmo e lutar pelo mundo não andam juntos sem contradição. Parece-me interessante que o vídeo se envolva na reformulação crítica de dois discursos específicos, um sexista e outro racista, a partir de sua



interconexão *queer*: Quando ele*, deitado sobre musgo e formações rochosas, cai em êxtase (auto)erótico ao acariciar a parte superior do próprio corpo, com a mão se estendendo lentamente sobre o musgo, isso celebra a masculinidade e, ao mesmo tempo, representa a "conquista da América", como sugere o signo botânico antes ali inserido. No entanto, o autoerotismo desavergonhado e descontrolado também causa uma ruptura na imagem do "civilizador" masculino. Além disso, a posição feminina e indígena é simultaneamente introduzida como uma posição de sujeito, não apenas como sujeito do amor, mas como uma posição pública e política: ao escrever sua história, e não a história em geral, a hierarquia de gênero perde sua autoevidência naturalizada. O "colonizador" que proclama grandiloquentemente suas reivindicações de propriedade torna-se um objeto para ela*. A câmera mostra-a* olhando para o corpo dele* e faz com que ele* se afaste com um riso constrangido.

Porém, isso não é simplesmente encenado como uma inversão, mas sim como uma performance *drag*. A posição militante feminista gradualmente ganha masculinidade, os pêlos faciais e a laringe pronunciada entram em cena. A personagem se passa tanto por um jovem homem (*gay*) quanto por uma mulher (lésbica). Isso abre novos eixos de desejo: talvez um desejo gay, possivelmente um desejo de dois trans*gêneros que não estão preocupados em se passar por um ou outro gênero. Mas, mesmo que os dois apareçam com barbas malfeitas e se apresentem como *dandy camp* ou *leather-gay*, isso não significa que o trabalho sobre o discurso heteronormativo do amor seja suspenso ou que o *queer* seja colocado como uma alternativa. De modo algum o vídeo termina com um encontro erótico entre os dois protagonistas. O amor não é usado como um remédio nem como uma promessa. Se fosse, pode-se argumentar, de forma semelhante ao que foi sugerido no início em relação a *Verfolgt*, que a dinâmica erótica promove o confronto com as relações de poder e dominação.

O casal duvidoso: desejo de complementaridade e promessa de plenitude



Tanto o mito de origem platônico quanto o bíblico vêm no amor a superação de uma separação, bem como a restauração de uma totalidade. Não é imediatamente óbvio por que isso está associado à ideia de uma complementaridade binária e heterossexual dos sexos.¹¹ No entanto, assim que esse acoplamento é estabelecido – histórica e culturalmente –, a figura do casal é vencedora. A questão crítica agora é como superar esse arranjo hierárquico. Trabalhar as relações de gênero pode, de fato, mudar a hierarquia entre o ativo e o passivo, que é inerente ao casal, na constelação eu/tu ou sujeito/objeto? As práticas de desejo e amor das subjetividades corporais transgênero* e intersexo* que resistem à categorização "hétero ou homo" podem subverter essa hierarquia? Ou seu alcance está relacionado à contestação do binarismo normativo, enquanto o desejo de totalidade complementar que o casal também representa pode ainda persistir?

Ultrapassando o molde heteronormativo através da forma poliamorosa

O poliamor é uma forma de amar que desafia a exclusividade dos relacionamentos monogâmicos. Ele anda de mãos dadas com a disposição de enfrentar o ciúme, a possessividade e os dilemas de atenção que aparecem quando uma pessoa tem vários parceiros românticos e/ou "compartilha" parceiros. Mais neoliberal do que *queer*, alguns defensores argumentam que, em sociedades baseadas na divisão do trabalho, diferenciação e individualização, simplesmente não é mais apropriado esperar que uma única pessoa satisfaça todos os nossos desejos e compartilhe todos os nossos interesses. Por outro lado, afirma-se que o amor-próprio não precisa, no fim das contas, se limitar a uma única pessoa.

¹¹ Kraß, Andreas; Tischel, Alexandra (eds.) (2002): *Covenant and Desire: A Symposium on Love*. Berlin; Groneberg, Michael (2008): *Myths and Knowledge on Gender and Intersexuality. An Analysis of Relevant Terms, Conceptions and Discourses*. In: Zehnder, Kathrin (ed.): *Intersex" Geschlechtsanpassung zum Wohl des Kindes?* Freiburg: Academic Press: 83-145.



Ao contrário da forma ideológica do amor romântico, Imre Hoffmann e Dominique Zimmermann, autores_ de um livro introdutório ao poliamor, perguntam: "... por que [...] não deveriam ser possíveis gradações semelhantes de proximidade e intensidade nos relacionamentos amorosos, como as conhecemos nas amizades, por exemplo? E por que eu também não deveria permitir a companhia de minha amada a outras pessoas?"¹²

O poliamor abrange um triângulo entre amor, relacionamento sexual e amizade, em que essas dimensões não experimentam um acoplamento pré determinado, mas podem ser moldadas e combinadas de forma diferente e – idealmente – por todos_ os_ participantes. Assim como nos contextos sadomasoquistas, os princípios éticos e as práticas de negociação desempenham um papel importante no poliamor; a transparência e a equidade, em particular, devem ser enfatizadas nesse aspecto. Não é dada, no entanto, muita atenção à importância das assimetrias estruturais em termos de oportunidades de negociação e planejamento. Assim, o argumento de que, mesmo nas famílias, o amor não se limita a uma pessoa, por exemplo, a um dos vários filhos, dificilmente desempenha um papel na literatura sobre poliamor. Minha suposição é que a razão dessa manobra evasiva é que, caso contrário, a complexa questão da relação entre família e sexualidade, que é evitada pelo tabu do incesto, seria levantada e certamente mereceria uma discussão mais detalhada. A ideia otimista de que os sentimentos de ciúme podem ser tratados por meio da transparência e de uma interação cuidadosa e ética, orientada para as necessidades do indivíduo, bem como para os princípios da equidade, também teria de ser discutida com mais detalhes.¹³ Talvez possamos também realizar uma defesa do ciúme aqui, por exemplo, no sentido de que ele seria o terreno ideal para confrontar a alteridade e a incompreensibilidade do próprio eu; ou que, como escreve

¹² Hofmann, Imre; Zimmermann, Dominique (2012): *The Other Relationship*. Polyamorie und philosophische Praxis. Stuttgart: 13.

¹³ Schroedter, Thomas/Vetter, Christina (2010): *Polyamory. A memoir*. Stuttgart: 42ff.



Jelisaveta Blagojević, o ciúme, em seu impulso de se apropriar e possuir, desconstrói o sujeito soberano e abre caminho para uma união singular.¹⁴

Em uma nota positiva, o poliamor também reconhece que o desejo é estimulado por semelhanças e diferenças múltiplas, às vezes paradoxais e irreconciliáveis, e que as práticas amorosas podem se sentir desafiadas a fazer jus a essa complexidade conflitante. Está muito claro que o amor e o desejo não podem ser contraídos na diferença heterossexual do binarismo normativo sem contradição. Entretanto, se for argumentado que são necessárias múltiplas contrapartidas para satisfazer os desejos complexos e contraditórios dos indivíduos da modernidade tardia, talvez seja necessária uma suspeição crítica: por um lado, com relação a essa promessa de satisfação e, por outro, se o poliamor também é motivado por um ideal de totalidade e pelo desejo de fazer parte de uma unidade. Se essa promessa não estiver mais ligada ao casal, mas o amor continuar a servir como uma extensão e conclusão do eu, e estiver inclinado a funcionalizar o_ outro_ de acordo com isso, o poliamor perderá sua radicalidade. Nesse caso, ele seria, de fato, apenas uma resposta conveniente a uma vida cada vez mais individualizada que deseja parceiros_ diversos_ para satisfazer necessidades ou viver desejos específicos. Mas, como afirma ironicamente Toni Schmale: "Você não pode ter um amante gostoso, um emprego gostoso e um apartamento gostoso, tudo na mesma cidade".¹⁵

¹⁴ Blagojević, Jelisaveta (2008): *Hieroglyphs of Jealousy*, Skopje: Euro-Balkan Press: 14ff.

¹⁵ Título de um vídeo de Toni Schmale (2011), cf *Videostill You Can't Have a Hot Lover, a Hot Job, and a Hot Apartment All in One City*.

